
O Ensino Das Teorias Do Jornalismo A Partir De Uma Atividade Sobre Gatekeeper¹

Hendryo ANDRÉ²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Busca-se discutir neste *paper*, a partir de uma experiência realizada com 150 estudantes entre 2015 e 2019, as relações entre teoria e prática no ensino de jornalismo. Para isso, foi proposta uma atividade inspirada no estudo sobre Gatekeeper realizado por White (1993), em 1950, e que serviu como estratégia de ensino-aprendizagem para discorrer sobre outras teorias do jornalismo. Apesar de os graduandos tenderem a avaliar a noticiabilidade como uma ação pessoal, os resultados mostram que há muitas regularidades nas escolhas, entre elas, a valorização de temas políticos de abrangência nacional e a redução de temas locais.

PALAVRAS-CHAVE: Gatekeeper; valores-notícia; noticiabilidade; ensino do jornalismo; teorias do jornalismo.

INTRODUÇÃO

Desde a segunda metade do século XIX, estereótipos construídos acerca da figura do repórter, alguém cujos esforços para contar uma boa história coloca em segundo plano a vida pessoal, e da própria redação, cujas ramificações atribuem ao campo rubricas como *quarto poder* e *cão de guarda* da democracia, auxiliaram para que o jornalismo constituísse uma sólida cultura profissional. Acima de uma ocupação, essa cultura coloca o jornalismo como uma *aventura* (TRAQUINA, 2005).

Aventura que torna a profissão, imersa frente a novos questionamentos sobre sua legitimidade, uma das mais complicadas destes tempos. Somados à pressão do tempo e à baixa remuneração, o acúmulo de funções e o perfil polivalente são exigências cada vez mais recorrentes, algo que explica por que mesmo jornalistas com carreiras consolidadas têm incompreensão sobre os rumos que a atividade tem tomado (ANDRÉ; WINQUES, 2019). Ainda assim, saber, antes dos concorrentes, reconhecer uma notícia, procedê-la e narrá-la são exigências mínimas (TRAQUINA, 2005). Como forma de atenuar essas pressões, os profissionais afirmam desenvolver uma espécie de *faro nato* para perceber

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e-mail: hendryoandre@gmail.com.

quais são os assuntos relevantes. Entre eles há uma tendência “em diminuir a importância dessas escolhas, como se fossem absolutamente óbvias e inevitáveis” (MARTINO, 2009, p. 34), explicação que não convence e é rejeitada por pesquisadores (SILVA, 2014).

Óbvia ou lendária, a transformação de acontecimentos em notícias impõe desafios ao ensino. A romantização, pregada por docentes, alguns com biografias marcadas por longa experiência em redação, e também por leituras de referência, especialmente as obras mais introdutórias, fortalece uma perspectiva essencialista da identidade profissional, isto é, sugere que exista “um conjunto cristalino, autêntico” (WOODWARD, 2014, p. 12) do que é *ser* jornalista.

Alimenta um espírito de responsabilidade, mas também um pressuposto de que o trabalho está desvinculado de rotinas. Nesse cenário o ensino das teorias do jornalismo se torna um tanto quanto desafiador, já que conteúdos teóricos costumam ser avaliados como opostos, quando não negadores, da atividade. A cisão dessas dimensões, claro, gera problemas. Enquanto a *miopia tecnicista* (MEDITSCH, 2012) é perceptível, pouco ou nada útil à medida que a tecnologia avance, a ênfase à abstração contém também lacunas: afinal, a teoria em si, como palavra inautêntica, não pode se “transformar em realidade” (FREIRE, 1987, p. 44).

Ao ter como base o princípio de que é preciso equilibrar as duas dimensões, neste artigo discute-se, a partir de uma experiência pedagógica realizada com 150 estudantes, entre 2015 e 2019, as noções que os discentes têm sobre por que as notícias são como são. Para isso, foi aplicado um exercício inspirado na pesquisa sobre *Gatekeeper* produzida por White (1993), quando o autor avaliou os critérios utilizados por um editor para descartar assuntos não noticiáveis na capa de um diário norte-americano.

No artigo, recuperam-se primeiro os conceitos *gatekeeper*, noticiabilidade e valor-notícia. Após a descrição metodológica com detalhes da organização da atividade de montagem de capas em sala, o trabalho volta-se, baseado na proposta de Silva (2014), para o exame dos critérios usados pelos graduandos na avaliação de por que e como as notícias são como são. Os resultados apontam que, apesar de os estudantes tenderem a avaliar a noticiabilidade como uma ação pessoal, há regularidade nas escolhas realizadas, algo que contribuiu para a aproximação da discussão teórica com as disciplinas laboratoriais, tornando as reflexões teóricas mais factíveis à realidade dos estudantes.

GATEKEEPER, NOTICIABILIDADE E VALORES-NOTÍCIA

Ainda que haja registros de estudos sobre como as notícias eram selecionadas datados do século XVII (SILVA, 2014), o trabalho de White (1993) inaugurou, há 70 anos, o mais eminente campo de pesquisa sobre a produção noticiosa, o *Newsmaking* (MARTINO, 2009). O autor, bem verdade, não utilizou a abordagem etnográfica, que se tornaria quase um imperativo dessas investigações (SERRA, 2004), mas seu trabalho serviu como pontapé para outros que desconstruíam a ideologia da objetividade. Hegemônica, essa vertente defendia o jornalista como um observador neutro e desinteressado da realidade, algo que reforçava na atividade um “empirismo ingênuo” (TRAQUINA, 1993, p. 168), mas capaz de alimentar a romantização da profissão.

No texto-base, White (1993) considerava que havia vários filtros, *gatekeepers*, durante o processo de produção das notícias, mas focou naquele que considerava como o último e mais relevante: o editor. O autor produziu um estudo de caso, publicado em 1950, com um editor de cerca de 40 anos, 25 deles dedicados ao jornalismo. O *Mr. Gates*, como foi chamado, era funcionário de um jornal em uma cidade do interior dos Estados Unidos com cerca de 100 mil habitantes, altamente industrializada, e lidava com a seleção de textos produzidos por agências nacionais e internacionais, além de também revisar e formular títulos. A principal ideia de White (1993) era descobrir quais motivos levavam um editor a descartar materiais, algo que ocorria com aproximadamente 90% dos textos recebidos. Durante uma semana, o *Mr. Gates*, após fechar a edição diária, “examinou todas as notícias ‘rejeitadas’ que se encontravam dentro da caixa e escreveu em cada uma a razão que o levava, em princípio, a fazê-lo” (WHITE, 1993, p. 145).

A investigação centrou-se no argumento de que a ação pessoal do jornalista – muitas vezes, subjetiva – é preponderante na seleção e hierarquização dos assuntos, aspecto que fez com que sofresse diversas ressalvas. White (1993) chegou a citar esparsamente que questões como o tempo, a política editorial e a concorrência, independentemente do meio de comunicação, eram potenciais fatores de interferência na decisão sobre a veiculação ou não de um acontecimento, mas considerou a ação pessoal como estruturante. Serra (2004) menciona que, seis anos após o estudo de White (1993), uma pesquisa realizada por Walter Gieber, com 16 editores, já demonstrava similaridade “entre as seleções feitas entre os diferentes órgãos, embora houvesse diferenças entre as explicações dadas pelos editores para as suas decisões” (SERRA, 2004, p. 102). Nesse sentido, as convenções acerca do trabalho jornalístico superariam as escolhas pessoais.

Assim, seria questão de tempo para que questões sobre noticiabilidade, valores-notícia e seleção de notícias passassem a ganhar espaço nos estudos em jornalismo.

A Tobias Peucer (2004) é credenciada a primeira tese a ter o jornalismo como objeto de estudo da história (DA SILVA, 2010; SILVA, 2014). Publicada em 1690, pela Universidade de Leipzig, a investigação tocava em aspectos relativos a seleção de notícias. Contudo, levando em consideração as especificidades que o jornalismo passou a ter desde a segunda metade do século XIX (THOMPSON, 2013), a primeira pesquisa que vinculou as noções de seleção de notícias a valores-notícia foi publicada em 1965 (DA SILVA, 2010; MARTINO, 2009). Galtung e Ruge (1993, p. 63) questionavam-se “como os acontecimentos se transformam em notícias” e, a partir daí, entenderam que havia uma cadeia produtiva com vários *gatekeepers*, algo que apontava que a seleção e a hierarquização não eram simples como afirmava White (1993).

Ao buscar propor um modelo de análise dessas questões, Silva (2014) destaca que há uma confusão conceitual entre *noticiabilidade*, *valores-notícia* e *seleção de notícias*, algo que reduz o primeiro conceito. Segundo a autora, noticiabilidade é:

[...] todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo de produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2014, p. 52).

A noticiabilidade é algo que constitui-se como objeto de estudo vinculado ao paradigma do *Newsmaking*. Já os valores-notícia, na percepção da autora, estariam mais associados ao fato em si. Em outras palavras, “a seleção e hierarquização recorrem sim aos valores-notícia. Mas estes agem aqui apenas como uma parte do processo” (SILVA, 2014, p. 56). A pesquisadora reuniu listagens de estudiosos que criaram listas com os atributos dos acontecimentos, isto é, as “características necessárias para que fatos fossem selecionados como notícias” (2014, p. 61) e, a partir delas, propõe uma tabela na qual elenca 12 atributos para operacionalizar acontecimentos noticiados ou noticiáveis.

PROCEDIMENTOS PARA A ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE

A atividade, realizada na disciplina Teorias do Jornalismo, foi voltada a estudantes que cursavam ainda o segundo ano da graduação. Sempre na véspera da aplicação o professor reunia 60 títulos e lides retirados de agências de notícias locais,

nacionais e internacionais. Esses materiais eram separados majoritariamente a partir da relevância dada a eles nos *feeds* das próprias agências. Seleccionadas, as matérias eram embaralhadas e numeradas. Junto com uma relação impressa, os alunos recebiam ainda uma matriz que serviria como uma capa de jornal. Nela faziam, previamente às aulas sobre as teorias vinculadas à sociologia do jornalismo, um exercício de composição da capa similar ao realizado por White (1993). No molde havia nove espaços – o equivalente a 15% do universo de textos, percentual próximo ao dos materiais aproveitados no estudo base, 10% – que deveriam, em até uma hora, ser numerados livremente com as matérias reunidas pelo professor.

Uma orientação explícita foi dada. Tratava-se de um jornal local/estadual, voltado às classes sociais A e/ou B, que deveria estar em circulação no dia da aplicação. A observação aproximava a atividade da linha editorial do mais influente diário impresso do município onde o exercício foi aplicado. Além da seleção, os alunos deveriam justificar no interior do caderno, de modo conciso, as notas descartadas.

Embora tivessem produzido textos no primeiro ano e tido acesso a técnicas como o lide e a pirâmide invertida em pelo menos duas disciplinas, algo que toca em questões de noticiabilidade, selecionar e hierarquizar um volume maior de notícias, não produzidas por eles próprios, era uma dinâmica inédita para grande parte dos participantes. A proposta, criada em 2015, foi, em um primeiro momento, uma tentativa de aproximar os estudantes das teorias do jornalismo, à medida que muitos deles consideravam os assuntos teóricos de menor importância frente aos práticos.

Nessa fase da formação há o cuidado, entre tantos, em desconstruir percepções sobre a prevalência da ação pessoal na definição do que é notícia, ao mesmo tempo em que há necessidade de fortalecer, sem romantizar, o espírito de responsabilidade que cerca a profissão. A atividade passou a servir de base para a montagem das aulas seguintes, que começavam a abordar as primeiras teorias do arcabouço do *Newsmaking*. No encontro posterior, o professor reunia, em apenas uma capa, as maiores incidências de respostas dos estudantes, ponto a partir do qual se desencadeavam as discussões.

Após a organização e a aplicação do exercício, voltam-se as atenções para a forma como foi organizada a análise comparativa das capas produzidas durante o período de 2015 a 2019. Para operacionalizar a análise dos critérios de seleção e hierarquização, optou-se pelo uso da proposta de tabela de valores-notícia desenvolvida por Silva (2014).

A partir de estudos clássicos sobre esse conceito, a autora criou um modelo de operacionalização de fatos noticiados e/ou noticiáveis com 12 categorias.

Os critérios *Raridade*, *Surpresa* e *Polêmica*, apesar de reconhecida relevância, foram descartados devido à categorização ter sido realizada em um período distante da origem dos fatos. Durante a análise, esses fatores pareceram subjetivos por se vincularem a contextos específicos. Essa dificuldade operacional apareceu em outros critérios, mas em escala menor. Assim, foram usadas nove das 12 categorias propostas por Silva (2014): *Impacto*, *Proeminência*, *Conflito*, *Tragédia/Drama*, *Proximidade*, *Governo*, *Justiça*, *Entretenimento/Curiosidade* e *Conhecimento/Cultura* (os resumos de cada categoria, por questão de organização, estão reunidos na análise, especificamente na Tabela 3).

Além dessa classificação, as notícias foram ainda divididas em 11 editorias: *Política*, *Economia*, *Educação*, *Saúde*, *Meio Ambiente*, *Cultura*, *Segurança/violência*, *Internacional*, *Transporte/Infraestrutura*, *Esportes* e *Geral*. Tal decisão, somada à divisão por grupos de hierarquização na capa, permitiu reunir não apenas os temas escolhidos com maior incidência, como também comparar capas montadas por diferentes turmas e anos.

ANÁLISE COMPARATIVA DAS CAPAS PRODUZIDAS

Os dados que sustentam este estudo foram organizados a partir do arranjo das informações disponíveis em 106 formulários cujas respostas foram compiladas em uma planilha no *Microsoft Excel*. De antemão, as restrições e escolhas dos estudantes detêm muitas similaridades, algo que, segundo Silva (2014), merece ser alvo de atenção, sob o ponto de vista da pesquisa, tanto quanto as diferenças.

Por convenção, os textos foram categorizados em quatro grupos de aproveitamento: *residual*, que agrega desde as notícias totalmente descartadas até aquelas que foram usadas em, no máximo, 15% das capas; *baixo*: com inferência entre 16% e 30%; *regular*, entre 31% e 50%; e *alto*, aquelas usadas em mais da metade das capas. A Tabela 1 reúne esses dados por ano:

Tabela 1 - Gatekeeper: aproveitamento nas capas das notícias ofertadas (2015-2019)

Aproveitamento	2015	2016	2017	2019
Residual	65,0%	62,6%	56,7%	60,0%
Baixo	16,6%	11,6%	25,0%	18,3%
Regular	11,6%	16,6%	8,3%	8,3%
Alto	6,7%	9,2%	10,0%	13,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Quanto às *restrições*, sempre no universo de 60 relatos, observa-se que, por ano, entre 33 e 39 deles foram descartados ou aproveitados em, no máximo, 15% das capas, o que reduz, já no primeiro filtro comparativo, as escolhas de quais foram as notas consideradas relevantes pelo grupo. A recorrência de descarte ou de aproveitamento mínimo aponta ainda que as ações pessoais foram residuais (os valores percentuais dos dois primeiros anos, quando a atividade foi realizada em dupla, e dos dois últimos, quando foi feita individualmente, são próximos). Já o aproveitamento *alto* significa que entre quatro e oito textos foram considerados relevantes e compuseram mais da metade das matrizes de capas montadas. Esse argumento, usado em sala, demonstra empiricamente o quanto outros fatores, além dos individuais, interferem nas percepções sobre o que é notícia, mesmo em um ambiente pedagógico, no qual questões ligadas a linhas editoriais e a pressões, por exemplo, deveriam ser menos estruturantes.

Quando os resultados eram expostos e havia questionamentos sobre o porquê das decisões, as justificativas costumavam ultrapassar as preferências pessoais, especialmente por um critério de *equilíbrio* na distribuição dos temas. Estudantes que não tinham a menor aptidão por esportes, por exemplo, ainda assim consideravam que a editoria era importante na capa para contrastar com assuntos mais *sérios*, princípio similar ocorria com as matérias de cultura. Essa e outras observações ocorridas ainda na primeira aplicação possibilitou a compreensão de que a experiência, para além da contextualização do estudo de White (1993), tinha potenciais para suscitar discussões, em maior ou menor escala, sobre diversos estudos e teorias do Jornalismo: desde a desconstrução do paradigma da profissão como um reflexo da realidade até os estudos de recepção/mediação, embora a ênfase esteja nas abordagens teóricas construtivistas.

Na discussão sobre a Teoria Organizacional, por exemplo, debateu-se as razões por que havia pré-disposição ao conformismo ocasionado pela institucionalização da

profissão (BREED, 1993), buscando sempre vincular as discussões do texto-base com a experiência do exercício. A aproximação da atividade com a teoria ou hipótese da *Agenda-setting* também foi recorrente: as diversas coincidências somadas aos dilemas vividos na seleção e hierarquização dos temas produziram debates pertinentes em sala de aula sobre a concorrência de pautas em um espaço finito de visibilidade, bem como os paralelos entre agenda pública e agenda midiática (MCCOMBS, 2009).

A Tabela 2 resume a relação entre as porcentagens de respostas escolhidas pelos estudantes e a proporção de assuntos por editoria disponibilizada pelo exercício. Além disso, agrega as variações (Δ), em pontos percentuais, entre as escolhas anuais por editoria e também entre a oferta. Esse esforço é válido à medida que a proporção de notas dispostas por editoria necessariamente interfere nas escolhas dos estudantes, de modo que, por exemplo, não é possível garantir que os discentes de 2016 foram mais propensos a matérias políticas em relação às demais turmas, já que a própria oferta, realizada aleatória e arbitrariamente pelo docente em um contexto no qual o país passava por um processo de *impeachment*, foi maior nesta aplicação. A mesma explicação serve para a discrepância de notícias internacionais em 2016, já que a atividade foi realizada na semana posterior a um ataque terrorista nos Estados Unidos.

Tabela 2 - Gatekeeper: relação entre as respostas escolhidas pelos estudantes e a proporção de notícias disponibilizadas no exercício por editoria (2015-2019)

Editoria	Respostas dos estudantes					Proporção nos formulários				
	2015	2016	2017	2019	Δ	2015	2016	2017	2019	Δ
Política	19,0	34,6	35,3	17,6	17,7	15,0	23,3	21,7	13,3	10,0
Economia	15,3	5,7	7,7	19,0	13,3	13,3	8,3	5,0	11,7	8,3
Educação	8,5	3,6	2,4	4,2	6,1	5,0	5,0	3,3	6,7	3,4
Saúde	5,3	10,4	9,7	6,2	5,1	5,0	5,0	10,0	10,0	5,0
Meio ambiente	2,6	2,1	0,0	16,3	16,3	3,3	1,7	0,0	5,0	5,0
Cultura	9,5	3,9	2,9	4,2	6,4	10,0	6,7	8,3	8,3	3,3
Seg./violência	12,7	1,4	2,4	0,0	12,7	10,0	5,0	6,7	0,0	10,0
Internacional	3,7	14,3	7,2	2,6	11,7	13,3	6,7	11,7	16,7	10,0
Trans./infra.	2,6	2,1	10,1	1,3	8,8	6,7	10,0	10,0	1,7	8,3
Esportes	11,1	12,5	11,1	12,4	1,4	6,7	15,0	8,3	10,0	8,3
Geral	9,5	9,3	11,1	16,0	6,7	11,7	13,3	15,0	16,7	5,0
Total	100%	100%	100%	100%	%	100%	100%	100%	100%	%

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Tendo como base o argumento de que a seleção de notícias envolve “não apenas escolher, mas hierarquizar” (SILVA, 2014, p. 56), observa-se que há centralidade de temas nacionais e minimização dos locais. Embora os percentuais de representação entre os conteúdos locais (43,6%) e nacionais (41,6%) sejam equivalentes nos materiais que compõem as capas, em todos os anos as pautas locais tiveram menos destaque nas seções nobres da capa, o que indica que tais assuntos sejam avaliados como menos relevantes. A cada duas chamadas locais publicadas no Grupo 1, espaço destinado na matriz da capa à manchete e a mais uma notícia em destaque, quatro aparecem no Grupo 2, área reservada a três notícias intermediárias no quesito visibilidade, e sete no Grupo 3, as demais notícias, localizadas nas regiões menos nobres das capas.

A título de comparação, nos temas internacionais, para duas notícias do Grupo 1 são seis no grupo 2 e dez no Grupo 3. Já nos nacionais, contudo, a distribuição entre os três grupos de visibilidade é de um para um. Mesmo entre os conteúdos com *aproveitamento residual*, o descarte de notas nacionais tende a ser menor: ainda que em 2016 e 2017 tenha havido rejeição proporcional, em 2015, a cada cinco recusas, apenas uma era relativa a matérias nacionais; em 2019, a cada seis, um.

Embora os resultados encontrados não tenham qualquer pretensão de explicar todo o contexto pelo qual a profissão passa, há emergência em entender o jornalismo local no ensino, uma lacuna observada desde os primeiros estudos sobre o campo, quando já se frisava a necessidade em conhecer a própria comunidade: “O jornal precisa continuar a ser o diário impresso da comunidade-lar. Casamentos e divórcios, crime e política precisam continuar a compor o corpo principal de nossa notícia. A notícia local é a verdadeira matéria da qual a democracia é feita” (PARK, 2008, p. 38). Contudo, os desafios democráticos no Brasil, quando a questão é acesso à informação, são enormes, já que em 62% dos municípios não há veículos impressos ou sites jornalísticos de abrangência local (ATLAS DA NOTÍCIA, 2020).

A hegemonia na escolha de assuntos com abrangência nacional tem relação com algumas editorias, especialmente *política*, algo perceptível pelo recorte por ano. Além de ser a mais visibilizada em três dos quatro anos, ela sempre ganhou mais evidência em relação à oferta, conforme a Tabela 2. Também há destaque para outras editorias, que apareceram de forma mais regular: *economia*, *esporte* e *geral*. As duas primeiras seguem a lógica similar à da política, com maior incidência de aplicação por parte dos estudantes

do que de oferta nos formulários. Já a seção *Geral* segue critério inverso: a oferta de notícias sempre foi maior que as apropriações pelos discentes.

Os resultados apontam para a relevância que o jornalismo político tem na cultura profissional, de modo que há visibilidade desse tema mesmo entre aqueles estudantes que afirmavam categoricamente detestá-lo. Em relação à hierarquia dos conteúdos nas capas observa-se grande destaque à política na área mais nobre. Excetuado 2019, quando *Meio ambiente* ocupou mais espaço por conta das discussões sobre os incêndios na região amazônica, em todos os demais anos, uma a cada três chamadas de política estava no grupo de maior destaque.

A Figura 1 reúne as aparições de cada uma das editorias a partir dos três grupos de visibilidade. Como a nuvem de palavras foi montada de forma proporcional, quaisquer editorias podem ser confrontadas, dentro ou fora de um grupo.

Figura 1 - *Gatekeeper*: Temas por editoria nos três grupos de visibilidade da capa (2015-2019)



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O destaque à política nos dois primeiros grupos de visibilidade, somado aos assuntos que tendem a ser invisibilizados, são indicativos interessantes para se trabalhar em sala, além da *Agenda-setting*, também com a teoria da Espiral do Silêncio (NOELLE-NEUMANN, 2010). Uma classificação dos tipos de fontes visibilizados, por exemplo, seria importante para perceber privilégios a determinadas vozes na construção noticiosa.

Nesse escopo, o estudo sobre valores-notícia, última parte da análise, torna-se fundamental. A Tabela 3 reúne, por ano, as matérias selecionadas para as capas a partir de nove dos 12 critérios estabelecidos por Silva (2014). Conforme se observa, aparentemente de forma contraditória à *abrangência*, o critério *proximidade* é o que tem mais destaque entre as matérias selecionadas. A cada cinco matérias, quatro atendem ao critério. Tais dados apenas reiteram a necessidade que os produtos jornalísticos têm de valorizar aspectos locais, ainda que trate de temas de abrangência nacional e até mesmo

internacional. Portanto, infere-se que a proximidade se estrutura mais de forma cultural do que geográfica. Se as matérias forem divididas por abrangência, nas notícias locais/regionais, claro, todas as inserções atendem ao critério de proximidade. Contudo, nas pautas nacionais, por exemplo, 80% delas atendem ao critério, número que cai, mas que continua relevante, na abrangência internacional: aqui, 45% dos textos escolhidos estabelecem ganchos mínimos com o critério de proximidade. Por isso, os estudantes costumam alegar nas justificativas que não apenas valorizam, mas também atendem ao caráter local da proposta.

Tabela 3 - Gatekeeper: valores-notícia utilizados no exercício (2015-2019)

Valor-notícia	Descrição	2015	2016	2017	2019
Impacto	Pessoas envolvidas no fato ou pelo fato. Grandes quantias de dinheiro.	73,5%	53,9%	63,8%	57,5%
Proeminência	Notoriedade, celebridade, posição hierárquica, Elite (indivíduo, instituição, país), sucesso/herói.	45,5%	49,3%	38,2%	43,8%
Conflito	Guerra, rivalidade, disputa, briga, greve, reivindicação.	24,9%	38,9%	19,8%	4,6%
Tragédia Drama	Catástrofe, acidente, risco de morte e morte, violência/crime, suspense, emoção, interesse humano.	32,8%	17,9%	7,2%	25,8%
Proximidade	Geográfica, cultural.	82,0%	79,6%	89,9%	79,1%
Governo	Interesse nacional, decisões e medidas, inaugurações, eleições, viagens, pronunciamentos.	28,0%	24,6%	41,1%	36,3%
Justiça	Julgamentos, denúncias, investigações, apreensões, decisões judiciais, crimes.	36,5%	35,4%	19,8%	13,4%
Entretenimento	Aventura, divertimento, esporte, comemoração.	10,6%	17,9%	18,8%	21,2%
Conhecimento Cultura	Descobertas, invenções, pesquisas, progresso, atividades e valores culturais, religião.	21,7%	9,6%	14,0%	9,8%

Fontes: Silva (2014) e dados da pesquisa (2020).

Ainda conforme a tabela, o critério impacto é o segundo mais atendido nas chamadas selecionadas, seguido por *proeminência*. A última categoria, em específico, reitera as contribuições do exercício para as disciplinas que contemplem discussões sobre

a Espiral do Silêncio, ainda mais quando confrontada com *Conhecimento/cultura*, a categoria que sempre esteve entre as duas menos citadas em todos os anos. Nela há espaço, por exemplo, para vozes de intelectuais, pensadores, artistas e outras vozes relevantes para o enriquecimento do debate público, algo que enriqueceria, por exemplo, temas com abrangência bastidores e avaliações, a partir de pautas que exploram percepções, avaliações, testes, diagnósticos e prognósticos.

CONSIDERAÇÕES

Ao avaliar o percurso teórico como um árduo e criativo campo de interpretação da realidade e ao compreender que tal atributo é inerente ao ensino, o presente estudo surgiu da necessidade de aproximar as discussões das aulas de teorias de jornalismo das dimensões práticas da formação. Assim, o texto buscou debater, a partir de uma experiência inspirada no famoso estudo de David Manning White sobre *Gatekeeper* (WHITE, 1993), realizada com 150 estudantes, entre 2015 e 2019, as relações entre teoria e prática no ensino, especialmente com a noção que os discentes têm sobre por que as notícias são como são e, conseqüentemente, o jornalismo é como é.

Apesar de aplicar um exercício que dialoga mais com produtos impressos, a proposta pedagógica encontra potencialidades para ser aplicada em outros meios e formatos, como na própria *home* de portais e em escaladas de telejornais e radiojornais. Por ter característica interdisciplinar, pode se vincular ainda à redação, ao jornalismo gráfico/visual e, por fim, a disciplinas de produtos digitais e audiovisuais. Como a atividade não resolve sozinha a conciliação entre teoria e prática, pode se integrar com outros tipos de metodologias ativas de ensino utilizadas por docentes que reconhecem no dia a dia as dificuldades para trabalhar com assuntos teóricos em sala de aula: a promoção de um debate entre apocalípticos e integrados, a criação e execução de programas jornalísticos com princípios da indústria cultural acompanhados de relatórios analíticos sobre as decisões, a produção de *podcasts*, perfis nas mais variadas redes sociais ou canais no YouTube para explicar aspectos de uma ou mais teorias do jornalismo de forma criativa e, ainda, o incentivo a trabalhos de entrevista com profissionais e com o público são apenas algumas experiências já conhecidas – que, inclusive, vinculam-se facilmente a projetos de pesquisa e/ou de extensão – e cujos resultados podem ser produtivos para afastar *preconceitos* e dificuldades em relação às disciplinas teóricas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, H.; WINQUES, K. Values of a profession in crisis: The tensions and challenges journalists from traditional media face while doing journalism at a time of internet consolidation. **Brazilian Journalism Research**, v. 15, n. 1, p. 230–253, 2019.

BREED, W. Controlo social da redacção. Uma análise funcional. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. p. 152–166.

DA SILVA, M. P. Como os acontecimentos se tornam notícia: uma revisão do conceito de noticiabilidade a partir das contribuições discursivas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7, n. 1, p. 173-184, 9 jun. 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALTUNG, J.; RUGE, M. H. A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. p. 61–73.

MARTINO, L. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MCCOMBS, M. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEDITSCH, E. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir: a função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização**. Florianópolis: Insular, 2012.

NOELLE-NEUMANN, E. **La espiral del silencio: opinión pública: nuestra piel social**. Barcelona: Paidós Espanha, 2010.

PARK, R. A história natural dos jornais. In: BERGER, C.; MARROCO, B. (org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. v. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 15–32.

PEUCER, T. Os Relatos Jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia** (Florianópolis), v. 1, n. 2, p. 13–30, 2004.

SERRA, S. Relendo o “gatekeeper”: notas sobre condicionantes do jornalismo. **Contemporanea** (Salvador), v. 2, n. 1, p. 93–113, 2004.

SILVA, G. Para pensar os critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P. DA; FERNANDES, M. L. (org.). **Críticos de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 51–69.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

TRAQUINA, N. As notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993. p. 167–176.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo:** a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WHITE, D. M. O gatekeeper: uma análise de caso na selecção de notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993. p. 142–151.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. DA; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 7–72.